



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**Cleodiete Silva dos Santos
Elidiane Duarte dos Santos**

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BAIRRO DO AMPARO EM SANTARÉM:
2003-2017**

**Santarém-PA
2017**

**CLEODIETE SILVA DOS SANTOS
ELIDIANE DUARTE DOS SANTOS**

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BAIRRO DO AMPARO EM SANTARÉM:**

2003-2017

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Integrada em História e Geografia, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sob a orientação de Karl Heinz Arenz.

**Santarém – PA
2017**

O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BAIRRO DO AMPARO EM SANTARÉM: 2003-2017

*Cleodiete Silva dos Santos
Elidiane Duarte dos Santos*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Santa Luzia, localizada na Rua Santa Luzia, Bairro do Amparo em Santarém, no oeste do Pará, e as metodologias utilizadas pelo professor de História na sala de aula para atrair e despertar o interesse dos alunos. Tornou-se objeto de estudo pelo fato de sentir necessidade de conhecer como o ensino de História passou a valorizar-se cada vez mais mediante os saberes e as práticas educativas desenvolvidas pelos docentes. O eixo temático é a relação teórica e a prática da aplicação dos métodos do Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos, visando acabar com o estigma de que o ensino de História é meramente uma repetição de fatos passados, mas também produção de conhecimentos críticos, fundamentais para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: História, ensino, Educação de Jovens e Adultos, periferia, Santarém.

Abstract:

This article aims to analyze the History Teaching in the Youth and Adult Education at Santa Luzia Municipal School located at Santa Luzia Street, Amparo District in Santarém, western Pará, and the methodologies used by the History teacher in the classroom to attract and stimulate the students' interest. It became an object of study because there was the need to know how the teaching of History has come to be valued more and more through the knowledge and educational practices developed by teachers. The thematic axis is the theoretical relation and practice of the application of the methods of History Teaching in the Education of Youths and Adults, aiming to put an end to the stigma that the teaching of History is merely a repetition of past facts, but also production of critical knowledge, fundamental for the exercise of citizenship.

Keywords: History, teaching, Education of Youngsters and Adults, periphery, Santarém

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Santa Luzia, localizada na Rua Santa Luzia, Bairro do Amparo em Santarém-PA, e as metodologias utilizadas pelo professor de História na sala de aula para atrair e despertar o interesse dos alunos. Tornou-se objeto de estudo pelo fato de sentir necessidade de conhecer como o ensino de História passou a valorizar-se cada vez mais na cultura escolar, mediante os saberes e as práticas educativas desenvolvidas pelos docentes. O eixo temático é a relação teórica e a prática da aplicação dos métodos do Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos que visam acabar com o estigma de que o ensino de História é meramente uma repetição de fatos do passado, mas também uma produção de conhecimentos imprescindíveis para o pleno exercício da cidadania.

Como problemático considera-se que o estudo de História esteja constantemente pautado nos elementos que compõem a ideia de noção e de identidade, através do estabelecimento de relações, sejam elas individuais ou sociais. Isso porque, o ensino de História deve permitir que os alunos se compreendam a partir de suas próprias representações, da época em que vivem inseridos num grupo, e ao mesmo tempo, resgatem a diversidade e pratiquem uma análise crítica de uma memória que é transmitida.

Diante disso, torna-se importante que o conhecimento histórico permeie a vida escolar do aluno, seja ele da zona urbana ou rural. Contudo, o que se tem observado é que, em sua maioria, acabam por desconhecer a história de seu próprio povo, seu próprio país, cabendo ao professor nesse processo ser o maior articulador e incentivador da busca e construção do conhecimento. Assim, o estudo da História na Educação de Jovens e Adultos resulta em uma grande contribuição social, pois seu ensino pode dar ao aluno elementos para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e positiva.

Ao longo de sua trajetória, a Educação de Jovens e Adultos apresentou uma série de variações ligadas intimamente com transformações ocorridas nas esferas sociais, econômicas e políticas que caracterizam momentos históricos diferentes em nosso país. Sendo que o trabalho educativo não é algo recente no Brasil, pois, desde o período colonial, os religiosos exerciam sua ação pedagógica em grande parte com os adultos, a história do trabalho com jovens e adultos está muito ligada a Paulo Freire, dado que é o criador de uma nova concepção de alfabetização em que a escrita vem acompanhada por

um processo de construção do conhecimento através do diálogo entre o educador e o educando.

Com isso, na visão de Fonseca (2003), discutir a História e o seu ensino é pensar os diversos processos que se desenvolvem em variados espaços, pensando novas fontes e novas formas de educar cidadãos que estão inseridos numa sociedade complexa, marcada por diferenças e desigualdades. À luz de pensamentos como este, se busca entender por que e de que forma o ensino de História pode ser significativo para os jovens e adultos da EJA. Para isso, é necessário observar os aspectos sociais e culturais que envolvem o cotidiano desses alunos.

A EJA tem por finalidade enriquecer o processo de criatividade e tem o papel de construir o conhecimento histórico de forma abrangente, pois ela possui elementos que ajudam na formação intelectual do aluno e também em práticas que o confrontam com seu cotidiano. O educador de Jovens e Adultos deve ter como qualidade a capacidade de solidarizar-se com os educandos, a disposição de enfrentar dificuldades como desafio, a confiança de que todos são capazes de aprender, enfim, a ensinar e aprender numa troca mútua. Devem ser coerentes com essas posturas para que possam identificar os fatores que contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita para, em seguida, reverter essa tal realidade.

Por outro lado, a relação professor-aluno é fundamental para a organização e assimilação dos conteúdos, pois tudo que o professor faz em sala de aula deve influenciar no desenvolvimento dos alunos. Pelo fato de a maioria dos educandos vir de um longo dia de trabalho, e há anos não foram mais à escola, é que o professor precisa ter muita responsabilidade, dedicação e criatividade para que esses educandos sejam incentivados a permanecer na escola.

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um mundo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa e provavelmente mais complexa, de experiências sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à interação em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra, fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 1999, p. 60-61).

Nessa direção, considera-se que somente no ensino de História, pautado no diálogo e valorização de muitas experiências e diversidades, professor e alunos poderão

contribuir para a formação e o desenvolvimento da consciência histórica e do pensamento histórico. Assim, ressaltamos que, para esses alunos, a História e a relação com o ensino de História revestem-se de importância e sentido para a vida prática cotidiana.

Desse modo, considerando a importância de ter foco na realidade do dia-a-dia do aluno dessa modalidade de ensino, é que se propõe a analisar o ensino de História na EJA na Escola Santa Luzia. O trabalho, além de contar com informações colhidas junto ao presidente do bairro, também contou com a receptividade e a disponibilidade por parte das pessoas que cederam um pouco do seu tempo para a realização de entrevistas, na qual gentilmente compartilharam suas experiências e trajetórias de vida.

As entrevistas foram realizadas nos dias 19 a 22 de agosto de 2017, tendo como colaboradores desse trabalho o senhor Pedro Rêgo dos Santos e a senhora Maria Eulália dos Santos, em que os dois fizeram as narrativas de suas vidas e do próprio bairro. Ambos deram a autorização para o uso de suas narrativas e a citação de seus nomes.

1. O BAIRRO DO AMPARO NA CIDADE DE SANTARÉM

Informações gerais sobre o bairro do Amparo

O do bairro Amparo, localizado dentro da grande área do Santarenzinho, na periferia de Santarém, Pará, surgiu em 1982, quando aconteceram as primeiras ocupações. A predominância de pessoas desamparadas que moravam em outros bairros, provavelmente influenciou seu nome. Os primeiros moradores vieram de bairros vizinhos e também distantes.

Segundo os entrevistados, logo no início, as casas eram construídas de madeira e cobertas com palha, e a área que compreende as ruas do bairro hoje era um grande lavrado. Em 1990, devido às dificuldades de infraestrutura (luz, água e transporte público), muitas famílias abandonaram suas residências, o que fez com que outras pessoas invadissem as casas vazias. Naquele ano, já havia um barracão comunitário onde funcionava a Escola municipal Olindo Neves. Com relação à água encanada, a luz elétrica e ao transporte coletivo, os serviços só foram estabelecidos após o ano de 1990 e em 1999 o bairro teve a Rua Ituquí como a primeira rua asfaltada. De modo geral, o bairro Amparo sempre apresentou carências em serviço e infraestrutura.

Gradativamente, a estrutura física do bairro foi se alterando, porém ainda hoje se mostra deficiente. Os moradores assim convivem com as promessas que se direcionam ao bairro, mas que, na verdade, não passam de discursos para ludibriar a população

carente, sem informação, manobrando a vida dos moradores num jogo de interesses e fazendo dos mesmos uma forma de manutenção de votos, por saberem que nessas áreas sempre terão pessoas à espera de benefícios, que aliás são seu direito.

Hoje ainda é considerado um bairro periférico que, apesar de ter apresentado grande progresso comparado a anos atrás, ainda enfrenta muitos problemas, como a falta de maiores investimentos por parte dos governantes com relação à infraestrutura, a violência e a pouca expectativa de vida, especialmente relacionada à juventude.

Para esclarecer todas as questões a respeito do bairro do Amparo, considera-se como essencial recorrer às entrevistas feitas com alguns moradores, conforme a metodologia da História Oral. Assim, gerar fontes através da oralidade é fundamental para possibilitar uma reflexão acerca da construção e formação dos moradores. De acordo com Verena Alberti (2007), essas fontes podem ser:

A História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos "grandes homens" e "grandes feitos", e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc.; Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas, etc., podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogia; histórias de instituições tanto pública como privada; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória. (ALBERTI, 2007, p. 9)

Como a memória armazena informações, conhecimentos, experiência tanto em nível individual como social ou coletiva, ela é um elemento essencial da identidade. Falar para a comunidade ou visar um público maior, não acadêmico, não pressupõe necessariamente a perda do valor do trabalho. Um dos elementos de destaque na história oral é seu potencial democrático, que pode, ao mesmo tempo, produzir um projeto de história oral acadêmico relevante e acessível ao público em geral. Por isso, o uso da história oral é um meio de aproximação de modo específico de como as pessoas vivem e interpretam os processos sociais, de como essas especificidades influenciam nas dinâmicas históricas.

A tendência de defender e usar a história oral como apenas uma fonte histórica para descobrir o que realmente aconteceu, levou a algumas distorções quanto a outros aspectos e valores do depoimento oral, não percebendo como o processo de lembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência viva e a natureza da memória coletiva e individual. (THOMPSON 1992, p. 43)

O mesmo autor alerta para os cuidados e as considerações que se deve ter com relação às razões que levaram o indivíduo a construir suas memórias de determinada maneira, ou seja, alguns historiadores não se deram conta de que as “distorções” da memória podiam ser um recurso, além de um problema.

Enfim, ainda há certo preconceito e desconfiança com relação às fontes não escritas. Entretanto Alberti (2005 p. 163) coloca que:

As convicções sobre o que seria próprio da história sofreram modificações a partir da década de 1980: temas contemporâneos foram incorporados à história, chegando a estabelecer um novo campo, que recebeu o nome de História do Tempo Presente.

A autora enfatiza que hoje é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico.

Ao tratar do campo da história da memória admite-se que é, sem dúvida, um campo ao qual a história oral pode trazer contribuições mais interessantes. Segundo Alberti (2005 p. 166), “no início, grande parte das críticas que o método sofreu diziam respeito justamente às distorções das memórias, ao fato de que não se pode confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade”. Porém, hoje se considera que a análise dessas “distorções” pode levar a uma melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.

Desse modo, as entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a dois moradores do bairro do Amparo, que lá residem desde o início dos anos de 1980, como experiência de vida de moradores desse bairro. Antes de entrevistar, buscou-se conhecer um pouco sobre eles, através de conversas informais a fim de deixá-los mais à vontade para responderem aos questionamentos, aspecto importante para que o trabalho pudesse atingir o objetivo desejado.

Perfil dos moradores e a situação socioeconômica

A dona Maria Eulália dos Santos, natural de Santarém, que chegou ao bairro do Amparo no ano de 1982, diz sobre sua chegada: “Quando cheguei aqui, fui ganhar o sustento da família lavando roupas para fora”. Esse foi um fato evidenciado na fala dos entrevistados; é que as dificuldades na renda são características dessa população desde seu início. Pois, desde aquela época a população que residia no bairro apresentava um

perfil socioeconômico de baixa renda, tendo como destino principal de seus provimentos mensais os gastos com a alimentação.

A própria relação na compra dos lotes era rudimentar, se comparada à atualidade. As grandes áreas negociadas eram pagas não só com dinheiro, mas com objetos, animais, e até alimentos.

As atividades desempenhadas pelos moradores do bairro eram voltadas, muitas vezes, para o cultivo de produtos para o próprio consumo. Enquanto muitos homens trabalharam como vendedores ambulantes, as mulheres exerceram atividades domésticas fora de casa, ganhando muito pouco por esse serviço. Outras atividades destacadas eram o serviço como pedreiro, carregador de água e de pedras que eram retiradas das pedreiras do pico das serras. A população desse bairro até hoje é considerada muito pauperizada, não somente pela renda, mas também pela escolaridade.

Os jovens moradores do bairro Amparo, em sua maioria, vivem com renda de apenas um salário mínimo. Muitos provêm de famílias de pais e mães desempregados. Por essa razão, alguns já passaram por experiência de viver na rua ou estar envolvidos em atos de delinquência. Há um consenso entre eles do desejo de conseguir um emprego logo, demonstrando a apreensão deles e de seus pais acerca do futuro. Com isso, o trabalho tem uma centralidade referencial e é uma preocupação constante. Por outro lado, algum dos que tem um emprego, geralmente, o tem de forma irregular ou instável, realidade que se encaixa tanto na vida dos jovens quanto na de seus pais.

Contudo, na vida a realidade da juventude desse lugar, há uma paradoxal com relação à necessidade do emprego. Isso porque, o trabalho tanto pode ser um meio para afastar-se das drogas como para assegurar o acesso a elas. É comprovado, em alguns que parte do dinheiro que os jovens conseguem, é usado para comprar drogas, visto que o grande número de usuários jovens de drogas nesse local ainda é alarmante, especialmente, por ter uma grande quantidade de “bocas de fumo”.

Muitas são as causas das dificuldades de os jovens conseguirem emprego. Dentre as quais estão:

- a) a alegação de falta de experiência por parte de empregadores;
- b) a exigência do Ensino Médio e de conhecimentos de informática;
- c) a falta de preparo escolar para a competição no mercado;
- d) a discriminação por residirem em comunidades periféricas, o que limitaria suas oportunidades;

- e) em vários casos o envolvimento do jovem com a violência e a criminalidade seria destacado como um dos maiores impedimentos à sua inserção no mercado de trabalho, uma vez que, em diversas experiências, alguns jovens moradores do Amparo já cometeram pequenos delitos e esbarraram na exigência do certificado de bons antecedentes para conseguir um emprego.

A esses obstáculos se somam outros, relacionados ao avanço tecnológico, dificilmente acompanhado pelas camadas de baixa renda. De fato, a exclusão dos jovens, em particular das classes trabalhadoras e de setores populares, leva também ao desencanto em relação ao valor da escolaridade. Vários jovens manifestam desalento, sugerindo a perda do significado da escolaridade como credencial para trabalho, expressão de uma conjuntura que eles próprios estranham. O que faz pensar que: “Falta emprego pra quem tem escolaridade ou não. Tem gente por aí formado e não consegue emprego. Um problema é o desemprego e o outro é o pessoal não ter a questão da educação, um grande número não está estudando, uma parcela muito pequena que estuda”.

Considerando essa questão, percebe-se que desemprego gera desmotivação e baixa autoestima. Ao passo que por eles não estarem estudando, deixa-os despreparados para o mercado de trabalho e isso os leva a se envolver com outros tipos de atividades não saudáveis ou ilegais, pois ficam ociosos e procuram fazer coisas para ocupar o tempo, que, conseqüentemente, podem passar com vícios e atividades criminosas.

Por essa razão, muitos pais são bastantes críticos acerca do lugar da escolarização na história de vida ocupacional de seus filhos, questionando o valor da escola em si, devido à qualidade do ensino e sua inadequação às demandas do mercado.

Diversos fatores causam essa ociosidade, que vai além da falta de locais adequados para o lazer saudável dos jovens na comunidade. Eles passam a circular em raios restritos, segregados nos seus bairros, não exercendo o direito da cidadania social. Isso é observada com a realidade da exploração pelo tráfico que, em muitos lugares, é ocupado nos espaços que deveriam ser utilizados pelo poder público, constituindo uma referência para os jovens.

Quanto à discriminação dos jovens, ela ocorre por várias razões: por serem jovens de periferia, pela sua aparência física e pela maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros. Na medida em que existe uma representação social da

juventude como irresponsável, muitos são discriminados simplesmente por ser jovens. Os adultos desconfiam deles, não acreditam na sua capacidade, o que muitas vezes rebaixa sua autoestima, fazendo com que se sintam desrespeitados e maltratados.

O estigma de morar na periferia, que é associada com miséria, violência e criminalidade, transforma o local de moradia em um fator de exclusão no trabalho e na escola. Tais discriminações são reforçadas pela mídia e pelas pessoas adultas, criticando a maneira de se vestir dos jovens, que os codifica negativamente. Na verdade, a mídia acaba criando uma resistência na sociedade com relação aos jovens dos bairros periféricos, cria um paradigma em que esse jovem é qualificado como um marginal. Contudo, a tatuagem, as vestimentas, os acessórios, a sua condição, tudo isso é visto como motivo de discriminação irracional, que se torna muitas vezes um critério de avaliação que se reduz à pergunta se o jovem é bandido ou não. Que se sabe que esses critérios não são suficientes para caracterizar alguém.

Como bairro periférico, o Amparo lida com riscos, obstáculos, pela vulnerabilidade a coisas negativas. Porém, os jovens que frequentam a escola apreendem certa positividade de tais vulnerabilidades, resistindo, buscando armar-se de valores, de uma cultura de paz, de uma ética de solidariedade e demonstrar uma perspectiva de crítica social, sem autoinculpações ou determinismo, como se indica por suas falas sobre suas condições de vida.

Reconhece-se, por outro lado, que os jovens moradores do bairro Amparo fazem parte dele e circulam por distintas instituições, como a família, o mercado de trabalho e a escola; são produtores e consumidores de espetáculos e notícias, sendo produzidos por eles e reproduzindo formas de ser e de pensar. Portanto, muitos desenvolvem um pensamento crítico, buscam saídas e resistem, ainda que o horizonte do possível para os pobres seja limitado.

E a educação é uma das saídas para que esses problemas sociais sejam amenizados da sociedade juvenil desse bairro. Ela possui como marco a transformação do indivíduo, pois amplia saberes, constrói a cidadania e fundamenta costumes e culturas, preparando o indivíduo para ser um cidadão consciente, pois as ações pedagógicas contribuem para a formação ética e política da sociedade.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A ESCOLA SANTA LUZIA

Histórico da escola

A Escola Municipal Santa Luzia, situada no bairro do Amparo, em Santarém, Pará, foi uma conquista da comunidade. A obra foi realizada no período de 1993 a 1995, iniciando suas atividades escolares no dia 3 de abril de 1995, sendo seus primeiros alunos moradores do bairro. Funcionava apenas com o Ensino Fundamental Menor, porém, em 2007, viu-se a necessidade de se implementar a EJA a partir da procura e demanda do bairro em oferecer um ensino diferenciado e que pudesse atender a necessidade da classe mais adulta. Mas, a história dessa escola, como se observa, inicia antes de seu funcionamento. Isso também por parte da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e dos seus primeiros professores.

Em janeiro de 1995, reuniram-se professores e SEMED e nesse momento propuseram construir uma proposta político-pedagógica de uma escola não fechada em si mesmo, que construísse uma ligação íntima com a comunidade, que propiciasse práticas coletivas garantindo a participação de todos.

Na oportunidade, os professores receberam uma coletânea de material produzido pela assessoria da SEMED. Nesses debates iniciais, os professores centraram seus estudos em dois tópicos: organização da escola e organização do ensino. Esse processo viabilizou uma educação cada vez mais próxima das classes populares.

A implantação da EJA na Escola Santa Luzia

O ano de 1995 foi um marco para a comunidade escolar que construiu a proposta político-pedagógica. Pois, a EJA pode, deve e tem de resgatar jovens e adultos, que, devido às condições econômicas, sociais e/ou por incapacidade do sistema educacional de acolher e trabalhar com alunos de uma realidade distinta, acabaram abandonando a escola. E essa, sem dúvida, é a missão da EJA.

Visando alcançar essa missão, no ano de 2007, a Escola Santa Luzia adotou o programa para Jovens e Adultos, entendendo sua importância dentro do processo de construção da democracia, não apenas por serem cidadãos e fazerem parte da sociedade, mas, principalmente, em razão de serem os agentes que exercerão os atos civis e as relações com as instituições políticas, econômicas e sociais que vêm sendo construídas e estão em processo de desenvolvimento. Com efeito, o aprendizado que é oportunizado pela escola Santa Luzia, é de fundamental importância, não só para os alunos que estão

sendo incluídos pela EJA no processo de ensino e aprendizagem, mas fundamentalmente porque estão se desenvolvendo como cidadãos e, de modo geral, desenvolvendo a própria sociedade.

Para tanto, se faz necessário que os professores que trabalham com a EJA desenvolvam a aula de forma conectada com o contexto local, com o objetivo de que os alunos, por meio de sua própria história e do lugar onde vivem, possam estabelecer as relações com o meio ao qual pertencem.

Esta prática é muito importante, pois esse aluno que retorna para a escola, deve perceber a significação do que está aprendendo com o mundo real e com as instituições que compõem a sociedade. É importante lembrarmos que não existe democracia em uma prática autoritária, em que o aluno é visto como uma tábula rasa. O procedimento democrático entende os alunos como partícipes no processo de ensino e aprendizagem e, dentro desse contexto, os alunos participam das aulas com suas vivências e experiências, o que certamente enriquece e contribui para um aprendizado mais dinâmico, plural e democrático. Por fim, cabe destacar que a escola e a EJA devem preparar os alunos para a vida, para o trabalho, mas fundamentalmente para exercerem a cidadania nas instituições sociais.

Propostas Pedagógicas da EJA

A proposta pedagógica da Escola Santa Luzia parte do princípio de que a construção de uma educação básica para jovens e adultos, voltada para a cidadania, não se resolve apenas garantindo ofertas de vagas, mas proporcionando ensino comprometido com qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu trabalho os avanços das pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar.

Constituem o objetivo geral da EJA três funções básicas, que são essas:

- a) reparadora: refere-se à entrada de jovens e adultos no âmbito dos direitos civis; a restauração de um direito a eles negado, o direito a uma escola de qualidade;
- b) equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social e nos demais canais de participação;

- c) qualificadora: diz respeito à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos precisa oportunizar o jovem a:

- a) ter acesso a outros graus e mobilidades de ensino;
- b) priorizar a formação integral voltada para o desenvolvimento de capacidades e competências adequadas, para que todos possam enfrentar, no marco do desenvolvimento sustentável, a nova transformação científica e tecnológicas e seu impacto na vida social e cultural;
- c) contribuir para a formação de cidadãos democráticos, mediante o ensino dos direitos humanos, o incentivo à participação social ativa e crítica, estímulo à solução pacífica de conflitos e à erradicação dos preconceitos culturais e da discriminação, por meio de uma educação intercultural;
- d) promover a aprendizagem dos valores de justiça, solidariedade e tolerância, para que se desenvolva a autonomia intelectual e moral dos alunos envolvidos na EJA;
- e) aumentar a autoestima, fortalecer a confiança na sua capacidade de aprendizagem, valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social, a certeza de que todos são capazes de aprender;
- f) elaborar e implementar currículos flexíveis, diversificados e participativos, que sejam definidos a partir das necessidades e dos interesses do grupo. O fato de que os jovens e adultos deste bairro precisam construir diferentes capacidades e que a apropriação de conhecimentos socialmente elaborados é a base para a construção da cidadania e de sua identidade.

Caracterização da clientela atendida

Quanto aos jovens, eles têm interesses, motivações, experiências, e expectativas importantes a serem considerados. A intensidade das descobertas e dos desafios vivenciados pelo jovem leva a uma extrema valorização do convívio entre eles, fazendo com que a sociabilidade ocupe uma posição central em sua vivência: os grupos de amigos, os grupos de pares, etc.

Adulto é considerado alguém que evolui e se transforma continuamente. Seu desenvolvimento cognitivo relaciona aprendizagem, interação com o meio sociocultural

e os processos de mediação. O aluno adulto tem como característica responder pelos seus atos e palavras, além de assumir responsabilidades diante dos desafios da vida. O predomínio da racionalidade é outro aspecto marcante nos adultos. O adulto tende a enxergar o mundo e seus acontecimentos de forma mais objetiva, de modo que possa tomar decisões movidas pela razão.

De alguma forma, vale dar oportunidades a jovens e a adultos de se alfabetizarem, concluir o ensino fundamental e não ficar à margem com indiferenças em relação às pessoas. Mas, a EJA não é a única solução para o problema da diferença e discriminação social.

A importância de um ensino voltado para a realidade

Como indica Freire (1985), a alienação é o resultado de uma ordem social injusta, que leva aos oprimidos a ideia de serem menos. Isso ocorre, porque há a necessidade, por parte da elite, de desqualificar o saber popular, o saber cotidiano das camadas mais pobres da população. Em uma sociedade como a atual, na qual o saber é igual a ter, o poder está ligado a uma relação de posse de conhecimentos, isto é, aqueles que possuem o conhecimento se encontram em um nível superior da escala social. Ao resto da população cabe, supostamente, a obediência, uma vez que não possuem o conhecimento que lhes possibilitaria galgar posições superiores na sociedade.

Remetendo-nos novamente a Paulo Freire, vemos que ele considera que alfabetizar é conscientizar, buscando que o indivíduo se insira no processo histórico como agente ativo, construtor de sua história. Partindo das bases do materialismo histórico e dialético, que coloca que os homens fazem sua própria história, porém em condições que não são por eles determinadas, Freire nos revela a necessidade de estimular na relação de ensino e aprendizagem uma análise crítica da realidade vivida para, assim, poder superá-la, promovendo uma educação conscientizadora que vise ao pensar e ao agir sobre o mundo, como uma forma de libertação do homem de sua alienação. Levando em consideração esses pressupostos, teremos condições de desenvolver uma prática educativa libertadora, que visa levar os indivíduos à transformação de uma realidade social injusta.

Práticas presentes no cotidiano escolar da Escola Santa Luzia

Fazendo a leitura do cotidiano da escola, mesmo diante dos objetivos e metas a alcançar com o ensino da EJA, o que percebemos é a ausência de qualquer tipo de projeto,

tanto coletivo como individual, de trabalho. O que caracteriza a escola é, portanto, a fragmentação e a hierarquização dos tempos, das disciplinas e dos objetivos do trabalho educacional, sendo que esses elementos estão presentes e são muito marcantes na turma de EJA. Como afirma Yus (2002):

Nossas escolas transpiram fragmentação por todos os poros: organização (tempos/espacos) compartimentada e hierarquizada, profissionais especializados e desconectados, conhecimento fragmentado em disciplinas, unidades e lições isoladas, sem possibilidade de ver a relação dentre e entre elas, entre estas é a realidade que o aluno vive. Tudo isso prepara e educa para a fragmentação.

A ideia da hierarquização dos saberes também traz prejuízos ao desenvolvimento do educando, por haver o preconceito do saber formalizado da escola, em relação ao saber popular e cultural, trazidos pelos alunos do seu meio.

Isto faz pensar então que há algo errado, em certos momentos o sistema educacional se mostra falho e pouco atraente. Muitas vezes, dentro da escola, bons profissionais, pessoas bem formadas e com ótimas intenções não conseguem desenvolver um trabalho que sirva a este fim, e isto não só frustra a ele mesmo como também aos alunos, que poderiam ali naquele espaço aumentar a visão de mundo. Oportunizando os alunos de sentirem-se valorizados com o conhecimento que trazem de suas experiências de vida, que são tão importantes quanto qualquer conhecimento acadêmico.

Existe uma coisa que os alunos precisam, quando retornam à escola, que é muito mais do que o conhecimento: eles precisam de motivação. E a melhor motivação vem da valorização e de reconhecimentos.

Paulo Freire deixa bem claro que tem de orientar o analfabeto, e aproveitar todos os seus conhecimentos e trazê-los para a atualidade; e esse conhecimento a que se refere, está dentro do próprio educando, só deve saber como colocá-lo para fora.

3. A PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA

A preocupação em fornecer educação, ou ao menos a instrução básica, para jovens e adultos é bastante relevante na escola Santa Luzia, salientando principalmente o ensino específico da disciplina História. No final do século XVIII e início do XIX, a história tornou-se uma matéria passível de ser ensinada na França, sendo os seus manuais e os seus métodos de ensinar inspiradores no momento da introdução desta disciplina nos bancos escolares brasileiros. Com a Terceira Republica (1871-1940), a história e a

geografia passaram a ser ensinadas em conjunto na escola francesa. Tal fato contribuiu para construir uma representação da França personificada na figura do Hexágono nacional, termo até hoje utilizado para nomear o país.

Na construção do Hexágono, a história desempenha claramente uma função cívica, contribuindo para fundar a unidade da nação, a história também contribuía para pensar além das fronteiras do Hexágono, isto é, para pensar na questão da expansão colonial, da irradiação civilizadora da França no mundo.

No Brasil, a história passou a ser uma disciplina escolar obrigatória na primeira metade do século XIX, momento de afirmação do Estado Nacional, com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro em 1837. Havia então uma história sagrada com sua cronologia própria, organizada de acordo com as escrituras bíblicas, e uma história profana laica ou civil, cujos marcos temporais eram definidos pelo Estado. A história da civilização era norteadada pela história da Europa Ocidental, sobretudo da França.

A história do Brasil como disciplina distinta da história da civilização só surgiu em 1895. Era caracterizada pela cronologia política e pelo estudo da biografia de brasileiros ilustres, além de acontecimentos considerados relevantes para a afirmação da nacionalidade. Cabia à história como disciplina escolar: construir a memória da nação como uma unidade indivisível e fornecer os marcos de referência para se pensar o passado, o presente e o futuro do país.

A importância de ensinar a disciplina História

A disciplina História, não por acaso, é uma das disciplinas fundamentais na educação do ensino fundamental. Pereira (2013, p.13) defende que, “conhecer a sua história permite ao sujeito compreender o que acontece nesse lugar”. Conhecer os fatos e processos que aconteceram no passado proporciona ao aluno a entender o porquê do desenvolvimento e as características de determinado local.

O ensino da história na escola Santa Luzia tem bastante relevância, vai além de construir conhecimentos de determinada localidade, ambiente em que os alunos vivem, por exemplo: é fundamental que o mesmo conheça a história de seu cotidiano, como também de seu Estado, País e do mundo para, assim, compreender o porquê e como chegamos até aqui, como se desenvolveu a cultura, a política, a estrutura, a economia, entre outras características.

De acordo com Florescano (1997, p. 67), afirma-se que “a função da escola é dotar de identidade, de diversidade dos seres humanos que formavam a tribo, o povo, a pátria ou nação”. Sendo assim, a história apresenta como era formada e a diversidade de cultura e o cotidiano de diversas localidades.

Para Pellegrine et colegas (2009, p. 14), “os conceitos importantes para a história são: a política, a cultura, o trabalho, a economia e o capitalismo”. Esses são os principais aspectos que influenciam na formação e desenvolvimento da história, independentemente ela sendo de uma determinada localidade, podendo ela ser pequena ou grande, como também de um Estado, Nação ou do Mundo.

A participação do professor e o processo pedagógico de ensinar História

Oriá (2006, p. 134), ao descrever a importância da história para o desenvolvimento e formação do aluno, considera que:

Compreender quem somos para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou seu valor histórico. (...), pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural.

A disciplina de história transmite, de maneira geral, conhecimento dos processos e acontecimentos sociais passado. E nem sempre o aluno tem interesse em querer saber de fatos que aconteceram há tanto tempo e em lugares distantes. Compete ao professor cativar o aluno, ensinar a gostar e querer aprender cada vez mais sobre fatores históricos que influenciam direta ou indiretamente seus cotidianos.

Deste modo, para despertar o interesse do aluno pela disciplina de história o professor pode fazer comparativos do passado com o presente, em outras palavras, com o cotidiano dos alunos. Assim a compreensão do mesmo será melhor, desenvolvendo a reflexão e o senso crítico, querendo conhecer mais sobre o passado histórico, social e cultural e suas influências no presente e no futuro. Romanowski (2010, p. 53) observa:

A dinâmica da aula caracteriza-se pela interação do professor com os alunos, sendo mediada pelo seu conhecimento. Ensinar e aprender são processos direcionados para o mesmo objeto: o conhecimento, ambos envolvem a cognição e a relação entre os sujeitos.

É importante o professor conhecer as características locais do aluno e trazê-las para dentro da sala de aula, e usar tal conhecimento para ensinar a disciplina de história,

fazendo comparativos, mantendo constantes diálogos para uma maior compreensão do conteúdo, ampliando a relação professor, ensino e aluno. É fundamental que o professor, em parceria com a escola, desperte o interesse do aluno pela disciplina de história, e que o mesmo desenvolva reflexões e senso crítico sobre questões que envolvam os cotidianos com as pessoas.

É oportuno perguntar se os problemas educativos da Escola Santa Luzia podem ser explicados pelos métodos de ensino. Para nos dar essa resposta, falamos com o atual professor da disciplina de História, Sidnei Nascimento. Sobre seu método de ensino ele diz: “Aprendi a trabalhar com oficina de estudo. A principal mudança em relação ao método tradicional, é que as Oficinas de Estudo são centradas no aluno e não no professor”. O método se baseia em quatro etapas:

- a) leitura panorâmica (rápida e superficial) do material de estudado;
- b) seleção e marcação dos trechos mais relevantes no texto;
- c) anotações das informações mais importantes;
- d) exercícios (formulados pelo professor ou mesmo com base nas dúvidas dos estudantes da EJA)

A vantagem do método, afirma Sidnei, é que por meio de um roteiro de oficinas de estudos, os alunos acompanham as etapas de ensino, sabem se estão avançando ou não.

Infelizmente o que se percebe na escola foram ações não inovadoras que levam o jovem e o adulto ao que de fato pode ser um diferencial no ensino da periferia. Ensino apostilado, tornando o aluno refém de um cronograma e conteúdo predeterminados. Não tem saída: ou seguem o ritmo das apostilas e livros didáticos ou ficam alheios ao que se sugere, afirmações baseadas apenas em filiações ideológicas são questionáveis, pois são dirigidas a uma plateia que não tem conhecimento suficiente para refutar ou interferir no discurso do professor. Nessa situação desigual, corre-se o risco de a aula de história se tornar um meio de distorções e preconceito.

O ensino de História tem um papel educativo, formativo, cultural e, também, político, uma vez que ele se propõe a formar cidadãos críticos, inseridos nas interações sociais de seu tempo, participantes dos processos políticos e capazes de formular opiniões sobre as questões de sua realidade social.

Ações criativas

Filmes, documentários, power-points e animações ajudam no aprendizado, mas é preciso critério e cuidado na escolha. Na internet, há muito material de qualidade

discutível e nada confiável. Além disso, um audiovisual é somente um meio de aprendizagem, mas não garante o aprendizado nem o conhecimento de um conteúdo. Não basta passar em uma aula de história um documentário sobre sambaquis e considerar que a Pré-História Brasileira foi dada e compreendida de forma satisfatória. A aula tem que ser muito bem preparada pelo professor.

A exibição de um audiovisual requer planejamento, saber que elementos serão destacados, como e com que finalidade. Para isso, é interessante apresentar aos alunos algumas questões antes ou depois da projeção. Vale, até mesmo, desafiar a turma a identificar, no vídeo, um elemento qualquer (descobrir onde acontece a ação, por exemplo), inclusive achar um erro, desafio que manterá os alunos atentos à aula de História. Importante é usar a projeção como ferramenta de aprendizagem e não como substituto da explicação do professor.

Ensinar História é séria, é preciso sensibilidade para conhecer o aluno e suas expectativas e necessidades, respeitar seu ritmo de aprendizagem, deixá-lo falar e ouvir o que ele não diz. Entender que cada idade tem anseios diferentes e uma psicologia particular que interferem no aprendizado. Leva tempo para ensinar e aprender História de forma significativa e rica de conteúdo. Mas é possível e vale a pena.

Silva e Fonseca (2010, p. 15), em seu texto afirma que:

A história da disciplina HISTÓRIA, na educação escolar no Brasil, tem sido objeto de vários estudos, tanto no âmbito das pesquisas e publicações acadêmicas, como na produção de diretrizes curriculares, livros didáticos e paradidáticos, de programas e projetos de formação de professores. Análises da produção, na área do ensino e da aprendizagem, evidenciam preocupações recorrentes com o papel da História como disciplina escolar; os currículos, critérios/modos de organização e seleção curricular; livros didáticos e paradidáticos; metodologias e práticas de ensino consideradas adequadas, críticas ou formativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo mostrou a importância de se trabalhar História na Educação de Jovens e Adultos com atividades diferenciadas, procurando fugir do ensino tradicional. Como na EJA há um grande número de evasão escolar, um ensino dinâmico e atraente é necessário para que essa grande problemática seja banida de nossa sociedade, mediante uma prática que atraia a atenção dos alunos e os estimulem a continuar seus estudos.

Há leis que contemplam esse ensino e em como amenizar as dificuldades e desafios para que o alunado desfrute de um ensino-aprendizagem prazeroso, levando em

conta a realidade em que está inserido, tendo para isso, o respeito e a valorização de sua própria cultura.

Vale, para tanto, a) trazer uma oportunidade de reflexão nesse tipo de ensino e nas dificuldades encontradas pelos professores, b) deixar claro que os professores deverão ter a sensibilidade de manter, de forma contínua, a formação para que seu trabalho tenha melhor resultado, e que desenvolva uma metodologia didática que seja acessível a todos os alunos, independente da série ou idade e, enfim, c) fazer uma intervenção planejada para promover uma melhor aprendizagem.

Tornar as escolas, com metodologias e materiais pedagógicos, funcionáveis é responsabilidade dos representantes políticos, mas assumir inteiramente o desafio de manter o ensino atrativo, é competência do professor, que precisa vencer o tradicionalismo, e, no caso da disciplina acadêmica História, proporcionar um melhor ambiente de aprendizagem sobre o passado e o presente da humanidade.

Deve-se assim ter em mente que os professores de História desempenham um papel fundamental e indispensável para o ensino dos processos históricos, e que sua metodologia será capaz de mudar a realidade dos alunos que estão em idades e condições difíceis, trazendo a vontade de conhecer o que passou com seus ancestrais e quais experiências fizeram ou acumularam. Por isso, há a necessidade de que os profissionais da História sejam pessoas críticas e que passem essa criticidade para os educandos.

Um dos principais assuntos debatidos diz respeito à importância de fornecer material como base para os estudos, com uma visão de conjunto daquilo que, de fato, é relevante para o trabalho da disciplina História na Educação de Jovens e Adultos.

Ao longo do trabalho, procurou-se debater os principais pontos ligados à EJA. Buscamos trazer à tona os principais problemas e o significado que a educação assume para esse público que, normalmente, frequenta as aulas no turno da noite e que se apresenta já inserido no mundo do trabalho.

Portanto, todos os esclarecimentos feitos são considerados fundamentais para a realização da pesquisa e para o resultado final deste trabalho. Destacamos ainda, que esta pesquisa não visou dar respostas prontas e acabadas, nem tampouco escrever toda a história do bairro Amparo em Santarém e, dentro dela, da escola Santa Luzia.

FONTES E REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes orais:

NASCIMENTO, Sidnei, 44 anos, professor de História, morador da Rua Piçarreira, Bairro Santarenzinho. Entrevista: 11 de setembro de 2017.

SANTOS, Pedro Rego, 66 anos, aposentado, morador da rua Santa Terezinha, bairro Amparo. Entrevista: 19 de agosto de 2017.

SANTOS, Maria. 64 anos, do lar, moradora da rua João Queiroz, bairro Amparo. Entrevista: 20 de agosto de 2017.

2. Referências bibliográficas:

ALBERTI, Verena. Fontes orais: história dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Ouvir, contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2007.

FLORESCANO, Enrique. A função social do Historiador. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 65-79, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e práticas de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra: 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg4-4.pdf. Acesso em: 30 out. 2017.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **A necessidade de reinventar história da educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1999.

ORIÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História**. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 11ª ed. São Paulo: Contexto 2006.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana; GRINBERG, Keila. **Vontade de saber História**. 1ª ed. São Paulo: Editora FTD, 2009.

PEREIRA, Jean Carlos Cerqueira; PACHECO, Miranda Bastos. **O ensino de História nas séries iniciais**. 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf. Acesso em: 23 nov. 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 4ª ed. Curitiba: Editora Ibpex, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.